

As cartas de Raul Leal para António Quadros, seu leitor e intérprete

RUI LOPO*

I

Este estudo visa apresentar a presença de Raul Leal (1886-1964) na obra de António Quadros (1923-1993). Para tal transcrevemos de seguida as cartas enviadas por Raul Leal a António Quadros e, num segundo momento, damos conta de todas as citações e referências explícitas ao pensamento e acção de Leal que pudemos compulsar na obra do autor de *O Primeiro Modernismo Português. Vanguarda e Tradição*.

Graças à acção da Fundação António Quadros, a que agradecemos na pessoa de Mafalda Ferro, pudemos ter acesso às cartas de Leal que no seu acervo se encontram depositadas e aqui apresentamos e anotamos. Seria desejável efectuar também um esforço de detecção da presença da obra e acção de António Quadros no percurso de Raul Leal, procurando assim completar as duas direcções em que se estabeleceu esta relação. Parte significativa do extenso espólio de Raul Leal foi preservada na chamada “Colecção Modernista” do Arquitecto Fernando Távora, hoje à guarda da Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS), no Porto. Uma significativa colecção de cartas e manuscritos de Leal encontra-se na colecção de Alberto de Serpa na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Muitas cartas e outros materiais lealinos encontram-se dispersos, e por inventariar, tanto em mãos particulares como em Arquivos públicos. Pudemos ainda consultar no Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, na Biblioteca Nacional de Portugal, o espólio de Álvaro Ribeiro que se tornou correspondente e convivente de Leal por intermediação de António Quadros, conforme pudemos apurar do estudo destes carteios. O estado actual deste estudo, que vimos levando a cabo¹,

* Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1 No âmbito do projecto do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, apoiado pela FCT, “Filosofias e teorias da arte no pensamento do século XX em Portugal”, Ref.ª UIDB/00502/2020, financiado por fundos nacionais através da FCT.

só permite para já apontar as breves indicações que se seguem. Por exemplo, não foram ainda encontradas quaisquer cartas enviadas por Quadros a Leal. Grande parte das obras inéditas de Leal em que aborda autores e temas portugueses encontram-se ainda por investigar e dar a conhecer.

Para prosseguir este estudo, aqui apenas iniciado, seria necessário perceber como Raul Leal se relacionou com a *filosofia portuguesa*. Para este fim não se considera esta expressão no seu contexto polémico, mas como indicadora de um movimento cultural historicamente situado, um conjunto de teses e de autores, um grupo, um conjunto de intervenções editoriais e publicísticas em nome de uma *escola* de reivindicada raiz portuense. Esta tentativa de compreensão dos modos como se articulou o pensamento e Vida de Leal com o movimento da Filosofia Portuguesa segue a investigação que vimos realizando sobre o *diálogo* que o autor manteve com Fernando Pessoa e o grupo de *Orpheu*²; com o saudosismo de Teixeira de Pascoaes³; com o Futurismo, com o chamado segundo modernismo, da *presença*⁴, de Régio, Gaspar Simões e Casais Monteiro⁵, com o surrealismo e, sobretudo, com a tradição filosófica europeia, clássica e moderna⁶, com a crítica de arte musical e plástica, com a teorização

-
- 2 Cf. R. LOPO, «Raul Leal e Fernando Pessoa: um sublimado furor diabolicamente divino», *Pessoa Plural*, 3 (prim. 2013) 1-27, dedicado à relação literária e filosófica entre Leal e Pessoa, acompanhado da apresentação e transcrição de um dossier de inéditos de Leal encontrados no espólio de Fernando Pessoa.
 - 3 Cf. R. LOPO, «Vertiginismo, Orfismo e Saudosismo: aproximação sem *ismos* a Raul Leal» in A. BRAZ TEIXEIRA – M.C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO (coord.), *Sobre a Saudade, V Colóquio Luso-Galaico*, Zéfiro, Sintra 2017, pp. 260-273. Neste estudo demos a conhecer importantes excertos das extensas cartas de Raul Leal a Álvaro Ribeiro (cujo intermediário foi António Quadros). Temos em preparação a edição integral da transcrição anotada deste epistolário.
 - 4 Cf. R. LOPO, «O Hiperesteta: Da Vertigem à Presença passando pelo Futurismo», *Arteteoria*, 20 (2017 [2020]) 41-72. Anexámos a este estudo uma tradução para português do manifesto *ultra-futurista* da autoria de Leal *L'abstractionisme Futuriste* e as «Cartas de Raul Leal (Henoch) para José Régio» (pp. 199-228).
 - 5 Cf. R. LOPO, «Ensaio de Leitura de Três Cartas de Raul Leal para Adolfo Casais Monteiro», in M.C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO – R. LOPO (coord.), *Casais Monteiro: Filosofia e Literatura*, IF-UP, Porto – Linda-a-Velha 2023, pp. 95-110.
 - 6 Cf. R. LOPO, «A Ideia e a Visão de Deus de Raul Leal: Introdução às dificuldades do seu estudo» in L. XAVIER (org.), *A Questão de Deus na História da Filosofia*, vol. II, Zéfiro – CFUL, Lisboa 2008, pp. 1043-1052.

do corpo em movimento⁷, com a filosofia da história e da religião, e com as ideologias políticas do seu tempo.

II

Apresenta-se de seguida a transcrição de quatro cartas manuscritas de Raul Leal redigidas entre 1949 e 1956.

Maio de 1949

S/C Rua Antero de Quental, J. F. – 3º D. Amadora

Meu prezado Confrade e Amigo

Envio-lhe o artigo⁸ que teve a gentileza de me pedir para a revista *Atlantico*. Não sei se achará muito grande mas a importância do assunto, verdadeiramente sensacional e de grande oportunidade, desculpa de certo modo o tamanho. Alias eu divido-o em dois parágrafos que poderão ser – se assim quizer – dois artigos. O meu amigo decidirá o que entender a este respeito. Caso venha a ser realmente publicado, não seria possível eu rever as provas? Será mais um favor que lhe fico devendo. Peço-lhe pois nestas circunstâncias que me indique o dia, hora aproximada e local em que devo fazer a revisão para vir então prontamente a Lisboa. Por mais esta fineza ficar-lhe ei muito reconhecido. Receio sobretudo que os tipógrafos ponham riscos demasiadamente grandes para simples traços de união visto que no artigo ou artigos vêm bastantes palavras [v.] ligadas.

Aguardando com o maior interesse as suas decisões, sou com a maior estima e consideração intelectual

Seu dedicado amigo, admirador e obrigado

Raul Leal

7 Cf. R. LOPO, «Raul Leal pensador do Bailado e da dança cósmica» em «*Astralédia* ou a hiperestética do espasmo e da vertigem» in AA.VV., *Dos suicidados – O vício de humilhar a imortalidade*, edição Nuisis Zobop, Porto 2019, pp. 87-93.

8 Leal envia cópia manuscrita do artigo (em duas partes dividido) «As Tendencias Orfaicas e o Saudosismo» que só dez anos depois será divulgado nas páginas da Revista *Tempo Presente*, nn. 5 e 7 (set. e nov. 1959) 17-24 e 39-48. Tivemos ocasião de republicar este denso e importante texto de Leal em R. LOPO – M.C. NATÁRIO – R. EPIFÂNIO (org.), *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, Leitor de Si Mesmo ou a Criação do Futuro. Textos sobre e para Fernando Pessoa*, U.Porto Press, Porto 2023.

1951.11.19, Lisboa,

S/C Rua Antero de Quental, J.F. 3º D. Amadora

Exmo Senhor Dr. Antonio Quadros

Meu prezado Amigo

Do intimo d'alma lhe agradeço as suas palavras, tão gloriosas para mim, sobre a minha colaboração na sua esplendida, verdadeiramente superior revista *Acto*⁹. Era duma publicação nesse alto nível intelectual e emotivo que nós carecíamos. Oxalá que perdures para honra de [2] Portugal.

Conforme tive a oportunidade de dizer ao nosso grande amigo Orlando Vitorino, a sua colaboração agradou-me extremamente¹⁰ por indicar uma elevada sensibilidade metafísica em que o pensamento e a emoção se confundem, conforme era necessário a um espirito verdadeiramente português. Na realidade, uma filosofia portuguesa nunca podia ser só *friamente* racionalista, devendo, antes, *vitalisar* a Razão com a força do máximo poder emotivo criador, também animado pela Vontade, impulsionadora da Criação Espiritual. São esses os três factores dominantes que eu procuro sempre que imperem no meu pensamento filosófico, só assim caracteristicamente português. Filosofia e Poesia em Ação Voluntariosa, entusiasmaticamente, exaltadamente Voluntariosa é o que é próprio dos mais Altos Espíritos do nosso povo, tendo sido o que nos levou aos mais assombrosos Descobrimientos Marítimos. E congratulo-me bastante com o facto de vêr o Dr. Antonio Quadros respirar, com progressivo êxito, no que há de mais profundo e elevado na [3] atmosfera mental propriamente portuguesa. É um elemento valioso de quem muito há a esperar. E digo-o sinceramente pois é característico de mim o Culto da Verdade.

Passando agora a tratar do que diz respeito à nossa revista – permita-me que diga *nossa* – tenho a dizer que lhe envio, como vê, a folha 13, perdida

9 Leal refere-se ao seu artigo «Cínicos e estóicos heracletianos», publicado na *Acto*, números 1 e 2, de 1 Out. 1951 e 1 Mar. 1952, p. 15-16 e 42-44. A acompanhar o texto, saiu também uma pequena notícia biográfica e interpretativa não assinada sobre Leal, que este atribui à pena de Quadros. Apresentamos essa notícia em anexo a este trabalho.

10 Leal refere-se aqui ao ensaio de Quadros «O que é a “modernidade”? Carta a um crítico Anti-Moderno» (que visa Castro Osório) publicado nas pp. 6-11 do primeiro fascículo da revista *Acto*, onde procura conciliar o conceito de modernidade poética com o conceito romântico de inspiração.

na tipografia, a qual copiei do rascunho que conservo do meu artigo. Vae, pois, juntamente com a parte que teve a bondade de me enviar e que, é claro, restituo.

Como a que foi já publicada, tra[4]zia algumas gralhas entre as quaes dez duma certa importância por deformarem um pouco o sentido das frases, também lhe restituo o que está impresso para lhe indicar quaes foram essas gralhas. E rodeio com um circulo as emendas que correspondem ás mais importantes. Faço isso para lhe pedir encarecidamente que faça todo o possível por que a continuação do artigo não venha gralhada pois o contrario seria muito desagradável. Se quizer mandar-me as provas, eu revejo-as imediatamente e imediatamente as reenvio. Descul[5]pe-me tratar deste assunto tipográfico a que, aliás, também decerto dará importância, não gostando de vêr gralhas no que publica. Elas são um dos grandes tormentos dos escritores.

Com a maior consideração intelectual me confesso

Seu muito admirador e obrigado

Raul Leal

S/C Rua Claudio Nunes (a Benfica), 55

25 de Abril 1955

Meu prezado Confrade

Como não sei qual a direcção do Dr. Alvaro Ribeiro, muito grato lhe ficarei entregando-lhe a carta que, juntamente com esta, envio. Desculpe fazer este pedido, a que sou forçado pois doutro modo a referida carta não ia ao seu destino, o que seria deplorável visto que – segundo penso – é [2] muito importante e necessária. Desde que o Dr. Alvaro Ribeiro, num artigo do *Diario de Noticias*, falou de *filosofia portuguesa* e admitiu que viesse a dominar o Mundo, era um dever meu de consciência escrever-lhe a este respeito, já que não tenho jornal ou outra publicação onde pudesse expôr lealmente, desassombradamente o meu parecer sobre assunto tão momentoso visto que, como sabe, sou sistematicamente banido, escorraçado [3] de toda a parte, sendo por todos tido como o *pior homem de Portugal* do mesmo modo que o escritor e mago inglez Aleister Croley (que veio propositadamente a Lisboa pra me conhecer, conforme posso provar com cartas que me dirigiu), do mesmo modo que esse escritor e mago que se assinava

Mestre Thérion ou 666 (numero da *inteligencia concreta* ao contrario de 888, adotado por mim, o qual é o da *inteligencia abstrata*), era tido pelo *pior homem de Inglaterra*. [4] Tenho lido atentamente os seus artigos, sempre elevadíssimos. Interessou-me, sobretudo, muito, o ultimo, a respeito de Fernando Pessoa. É bem mais profunda e logica, racional do que a explicação absurda, mesmo obscena que dá o Gaspar Simões das varias personalidades criadas pelo Fernando *metapsiquicamente*, a que o Dr. Antonio de Quadros apresenta no Seu artigo, ainda que, a meu ver, não seja completa. Muito gostaria que lesse a minha carta ao Dr. Alvaro Ribeiro.

Seu sincero admirador

Raul Leal

13 de Novembro de 1956

Benfica

Meu prezado Confrade

Acompanho-O sinceramente no seu grande desgosto pela morte inesperada do Seu Pae que tão útil foi ao nosso país e á actual situação politica portuguesa, fazendo lá fora uma interessante propaganda das nossas cousas, sobretudo de carater popular, aliás, fonte [2] imortal das Grandes Criações do Espirito.

Beijo respeitosamente as Mãos da Sua Exma Esposa e de Sua Ilustre Mãe.

Envia-lhe um apertado abraço o

Seu muito admirador

Raul Leal

III

Deste conjunto de cartas de Raul Leal que aqui se apresentaram deve notar-se que a de 1949, não tendo destinatário explícito, e de que não se encontrou no espólio envelope, pode permitir colocar a hipótese que tenha sido enviada a António Ferro, à data ainda director da Revista *Atlântico* (que terminará no ano seguinte), de que Orlando Vitorino era redactor e onde António Quadros já colaborava. Leal responde ao pedido que lhe é

feito de colaboração para essa revista enviando o manuscrito do texto «As Tendencias Orfaicas e o Saudosismo» que só muito mais tarde será dado à estampa¹¹. Traz a indicação manuscrita a lápis, sublinhada na vertical: *impossível*, que pode ter sido lavrada pelo punho de algum dos três (pela caligrafia não o conseguimos identificar), em resposta ao envio desta proposta de publicação de Leal, que deve ter sido considerada inadequada à sua linha editorial. Como se depreende da leitura da carta seguinte, pouco tempo depois desta rejeição, entre 1951-1952, Leal é acolhido nas páginas da revista *Acto*. O texto de apresentação de Leal, não assinado (que coligimos em Anexo a este trabalho), procura, nas suas palavras, desagrává-lo das afrontas que vinha sofrendo. É significativo observar que Leal enviou uma proposta de leitura crítica sobre temas clássicos, Heraclito e Sócrates, interpretados por estoicos e cínicos, para uma revista de intervenção filosófica nacional e que é hoje contada como um dos pioneiros órgãos da *filosofia portuguesa*. Em contrapartida, a sua colaboração, requerida, de reflexão sobre um tema cultural português, numa publicação como a *Atlântico*, foi rejeitada. Na carta de 1951, Leal saúda a revista *Acto* e o projecto de uma filosofia portuguesa, mas esclarecendo que o seu conceito de *Filosofia* é tão aberto e fluído que inclui a Poesia e a própria Acção e que a instância da Razão, historicamente entendida como um órgão ou um lugar de tratamento de conceitos, teria de ser *vitalizada*. Nessa carta percebemos que existia uma relação prévia entre Leal, Quadros e Orlando Vitorino, pelo menos desde *Acto*. Já na carta de 1955, Leal pede a Quadros para entregar uma carta (que anexa) a Álvaro Ribeiro, redigida na mesma data, que revela o conhecimento que tem da proximidade existente entre Quadros e Ribeiro (que Leal nessa data não conhece pessoalmente) e, porventura, da dinâmica interna do grupo da Filosofia Portuguesa: Esta carta *que o poeta nos escreveu, com data de 25 de Abril de 1955, a propósito da defesa de uma filosofia portuguesa, que aplaudia entusiasticamente* foi recebida por Quadros como também sua, o que correspondia à vontade do seu remetente, como se pode ler na sua última frase. Leal lamenta não ter fácil acesso a espaços públicos de intervenção escrita. Compara o seu destino ao do escritor Aleister Crowley, no que diz respeito às humilhações por si

11 Este texto transcreve importantes excertos da correspondência de Marinetti, que Quadros irá valorizar.

política portuguesa». Além destas quatro cartas encontra-se no espólio o já referido manuscrito das *Tendências Orfaicas*, um cartão de visita e o recorte de jornal com o artigo «O Sentido Esotérico da História» intervencionado com um longo acrescento manuscrito de Leal e um apontamento também manuscrito de Quadros assinalando ser aquela nota do punho do próprio autor de *Liberdade Transcendente*.

IV

António Quadros assume duas matrizes fundamentais ao longo do seu percurso reflexivo: o *pensamento existencial* e a *filosofia portuguesa*, conforme relata em «A cultura portuguesa perante o existencialismo», importante texto introdutório a *Sartre e o Existencialismo* de Ismael Quiles¹², de 1958. Este texto de Quadros faz lembrar a «Carta Íntima» de Bruno, aposta como introdução da sua *Ideia de Deus*, de 1902, ou certos passos de *A Literatura de José Régio* de Álvaro Ribeiro, de 1969. Referimos estas afinidades para dar conta de uma atitude convergente, pela proximidade com estes registos com que seguramente se identificaria. Trata-se de um texto simultaneamente memorial e tético, autobiografia reflexiva e ensaio de apresentação individuada do existencialismo, a partir da premissa de que a história cultural se inscreve numa comunidade histórica.

Recordemos que Raul Leal nasce duas gerações antes de António Quadros. Leal é da geração de Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra. Quadros assumir-se-á como *discípulo* directo dos discípulos de Leonardo, nomeadamente Álvaro Ribeiro e José Marinho com quem a sua obra dialoga vasta e profundamente¹³. A este respeito destaque-se a obra de síntese *Memórias das Origens. Saudades do Futuro*.

12 A, QUADROS, «A cultura portuguesa perante o existencialismo», in I. QUILES, *Sartre e o Existencialismo*, trad. L. Pestana (Coleção Arcádia, n.º 6), Editora Arcádia, Lisboa 1959, pp. 7-39.

13 Álvaro e Marinho mantiveram durante décadas uma tertúlia que foi designada por Pinharanda Gomes como a *Escola Portuense* em Lisboa. Este, companheiro de geração de Quadros, enumera os membros do grupo como sendo Orlando Vitorino, João Ferreira, António Telmo, Afonso Botelho, António Braz Teixeira e outros. Cf. J. PINHARANDA GOMES, *A Escola Portuense*, Caixotim, Porto 2006.

Valores, mitos, arquétipos, ideias, de 1992, onde o autor procura conciliar as suas perspectivas sobre crítica literária com a filiação no movimento da filosofia portuguesa. Refira-se ainda que sendo a obra própria de António Quadros independente da de seu pai, António Ferro, em vários momentos da sua obra essa filiação é assumida como uma pré-história pessoal, o que se manifesta, nomeadamente, no seu esforço de edição e crítica do chamado primeiro modernismo português. Neste sentido, ainda antes de contactar com Raul Leal e a sua obra, em fins dos anos 40, segundo podemos apurar neste momento, Quadros estaria já muito atento ao envolvimento de Leal e Ferro na aventura de *Orpheu*.

Não foram encontrados no espólio de António Ferro cartas ou outros originais de Raul Leal. Não podemos deixar de registar a tensão interna entre republicanos e monárquicos no seio de *Orpheu* e que Alfredo Guisado (Pedro de Menezes) e António Ferro se desvincularam da estrutura orgânica da revista *Orpheu* por carta pública ao jornal *A Capital*, de 6 de Julho de 1915, na sequência não só da distribuição do violento panfleto contra Afonso Costa, *O Bando Sinistro*, de Raul Leal, como também de um violento artigo de Álvaro de Campos no qual este afirma que «seria de mau gosto repudiar ligações com o futurismo numa hora tão deliciosamente dinâmica em que a própria Providencia Divina se serve dos carros eléctricos para os seus altos ensinamentos»¹⁴ (em alusão a um acidente que vitimara o mesmo Afonso Costa). O jornal lamenta a afirmação de Campos em «Antipático Futurismo – os poetas do *Orpheu* não passam afinal, de criaturas de maus sentimentos».

Em vários pontos dos seus textos memoriais, Leal se refere a si, Pessoa e Sá-Carneiro como formadores de uma *triunidade* metafísica que presidiria ao pensamento de *Orpheu*. Leal desvaloriza nos outros participantes do grupo o que considera ser a sua inconsciência filosófica e a sua relativa conformação com o espírito dominante do seu tempo. Recorde-se o passo no qual Leal lamenta que após a morte de Sá-Carneiro só «Ele [Pessoa] e eu, dentre os vivos, fomos os únicos a conservar-nos intransigentes nos nossos princípios revolucionários de vida. Tudo o

14 Citado em F. PESSOA, *Obra Completa de Álvaro de Campos*, ed. J. PIZARRO – A. CARDIELLO (2ª ed.), Tinta da China, Lisboa 2021, p. 539.

mais debandou burguesmente». Já noutro lugar procurámos explicitar e comentar este trecho¹⁵.

Tenhamos assim em conta que quando Quadros muito jovem se estreia nas letras, Leal se encontra perto dos sessenta anos, sendo já autor de uma vasta obra édita e ainda maior inédita. António Quadros é aliás um dos responsáveis pela transformação do ideário de Álvaro Ribeiro, expresso desde 1943 em *O Problema da Filosofia portuguesa*, num corpo doutrinal coeso e orgânico que se manifestou na edição e coordenação de revistas como *Acto* (1951-1952), *57* (1957-1962), *Espiral* (1964-1966), entre outros empreendimentos editoriais¹⁶, marcando uma intervenção pública que visava assumidamente influenciar a comunidade nacional no sentido preconizado em obras programáticas como *O espírito da cultura portuguesa*. Quadros procurou encarar e estatuir as teses de Álvaro Ribeiro como base de um movimento interventivo com grandes consequências na reinterpretação da história, da cultura, da filosofia e da arte portuguesas. É nítida desde cedo na acção de António Quadros como *crítico literário*, ou melhor, em lato senso, *crítico cultural*, o seu projecto de *reconstrução do passado*, através de uma leitura reinterpretação, da renovadora chamada de atenção para autores até então desatendidos ou mesmo do levantamento de fontes até aí desconhecidas por ocultadas ou inéditas. Esta operação que entendemos como *reconstrutora* do passado implicou o estabelecimento de uma genealogia em que as suas próprias teses pessoais se irão inscrever como que num articulado de nexos necessários, elos de uma linhagem cultural organicamente concebida.

Ponto central da obra de Quadros é a apresentação de padrões organizativos, como que topográficos, das correntes, escolas, movimentos da cultura portuguesa. A isto se pode designar como *historiologia* da tradição cultural portuguesa, especialmente a literária e a filosófica, isto é:

15 Cf. o nosso estudo «Raul Leal: Leitor de Pessoa, Leitor Pessoaano, Leitor de Si Mesmo», aposto como introdução de LOPO – NATÁRIO – EPIFÂNIO (org.), *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa...*, op. cit., pp. 15-53.

16 Para uma aclaração da acção de Quadros neste âmbito veja-se o nosso estudo «António Quadros no debate cultural português», in M. FERRO – P. MARTINS – R. LOPO (coord.), *António Quadros e António Telmo. Epistolário e Estudos Complementares*, Labirinto de Letras – Fundação António Quadros, Lisboa 2015. O profuso trabalho de apresentação das figuras do grupo em anotação à sua ocorrência nestas cartas procura dar conta da dimensão programática e grupal do movimento.

do estabelecimento de esquemas gerais de inteligibilidade da história cultural portuguesa. É difícil relacionar esta proposta cartográfica com a tentativa de conciliação do pensamento existencial com a *filosofia portuguesa*. Esta tentativa de síntese parte da recusa das grandes noções do idealismo filosófico, em nome de uma experiência de *autenticidade* dada pela existência individual concebida como verdade irrefutável, mas afinal tida como necessariamente mediada pela *comunidade nacional*. Esta matização deve ter parecido desconcertante aos cultores do pensamento existencial que viam essa *comunidade* como uma abstracção inibidora da própria autenticidade individual perseguida. Para Quadros, todavia, ela mesma constitui-se como um dado existencial constitutivo, estruturante e irredutível, como que fundamental, sem a qual o indivíduo não se consegue sequer pensar e situar enquanto humano. A pátria, nação ou comunidade historicamente circunscrita num espaço-tempo seria assim anterior e formadora de qualquer expressão individual e existencial a adoptar.

Quadros procede a um exercício, entre o heurístico e o hermenêutico, para qualificar Raul Leal como um modernista radical, mas destaca no seu pensar elementos que o estatuiriam como um tradicionalista, ainda que heterodoxo. Isso implica da sua parte um esforço teórico de maneja-mento do sentido mais comum destas categorias. Para Quadros, como se verá, a *Modernidade* não é incompatível com a *Tradição*. Apesar de explicitamente anunciar numa obra tardia como *O Primeiro Modernismo Português. Vanguarda e Tradição* (1989) a intenção de redigir um estudo específico sobre o autor de *Sindicalismo Personalista*, as muitas referências que lográmos aqui convocar parecem por vezes apenas instrumentais, encarando-o como autor de uma reflexão sobre Portugal e obliterando do seu pensamento a sua complexidade, a sua prolixa formação de conceitos (ainda que estes sejam tidos como frágeis) e as suas irredutíveis e assumidas contradições.

Nos estudos de Quadros sobre Pessoa, Leal surge inevitavelmente descrito como um companheiro das suas aventuras vanguardistas, no *Orpheu* e nas outras revistas do modernismo. Todavia, sublinha a sua acção singular como pensador da história de Portugal, e de seu sentido oculto, a partir da ideia de uma lusitanidade espiritual ou mítica. Raul Leal é visto como um pioneiro do *paracletianismo*, isto é, da doutrinação

da centralidade da terceira pessoa da trindade, vista como chave revelacional da Idade Futura da humanidade, um adepto do messianismo (em diálogo com a clave sebástica sem a ela se subordinar) e do profetismo quinto-imperial, unindo a matriz judaica da cultura portuguesa ao pentecostalismo medieval joaquimita, na esteira de Pessoa e Augusto Ferreira Gomes, e antecipando Jaime Cortesão e Agostinho da Silva.

Mais que um expositor pretensamente neutral da cultura portuguesa em sua diversidade, Quadros é cultor de uma posição programática. Assim, o autor de *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista* ou *Introdução à Filosofia da História*, valorizará em especial este aspecto da Obra de Leal, talvez não tendo chegado a conhecer os textos em que Leal o contradiz ou de tal se parece distanciar. A apresentação de Leal como um autor *estranho, perturbante* e excêntrico às correntes dominantes não impede Quadros de o reconhecer como um dos influenciadores de Fernando Pessoa e um *puro* cultor de ideias *inspiradas* de tipo mitopoético sobre Portugal, como a da sua origem atlante, a do influxo templário na sua história e a do projecto paracético, que não nos parecem pertencer ao corpo filosófico ou metafísico fundamental da sua obra, mas a momentos pontuais da sua expressão exotérica. À semelhança do que sucede com Pessoa, há em Raul Leal uma constante remissão a fundamentos metafísicos e ontológicos que parecem desmentir os gestos interventivos situados e as concreções histórico-culturais em que se foi enredando. Há para cada posicionamento artístico, estético ou ideológico um visar do Absoluto que o matiza e parece anular.

Em 1957, ano em que lança o *Jornal 57*, assinalando o centenário de Sampaio Bruno, Quadros dá à estampa também, com Fernanda de Castro, a edição por si preparada de poemas de António Ferro *Saudades de Mim*¹⁷, título colhido em Sá-Carneiro. No seu prefácio, aponta *Orpheu* como um projecto ideológico, desvalorizando a já aludida oposição entre republicanos e monárquicos no seio da revista: «Souberam continuar e expandir o espírito de *Orpheu*, cada qual a seu modo: Pessoa, Sá-Carneiro, Almada, Raul Leal – e António Ferro»¹⁸.

17 Cf. A. FERRO, *Saudades de mim*, Bertrand, Lisboa s.d. [1957].

18 A. QUADROS, «Prefácio», in FERRO, *Saudades de mim*, op. cit, p.15.

Depois de enumerar o contributo de cada um destes três, acrescentando Almada Negreiros, explicita o aporte de Leal,

estranho filósofo do paracletismo, escritor que pouco a pouco foi sendo posto à margem devido à pressão social das correntes dominantes, do fundo do seu isolamento ou do seu exílio mantém no entanto a pureza de uma perturbante mas profunda inspiração¹⁹.

Para Quadros, a acção de Ferro «não foi senão a tradução do espírito do *Orpheu* em termos de acção institucional e política»²⁰. A *Política do Espírito* aparece aqui interpretada como expressão e síntese, ou apropriação, dos contributos artísticos de Sá-Carneiro, assim como

do sopro patriótico de Pessoa que da *Renascença* [...] trouxera ao modernismo aquela dimensão de concretismo espacial que corrige a vertigem do tempo puro e abstracto e lhe fora ensinada por Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes. Este facho, esta bandeira de fogo difícil e estranha, a conciliação da inquietude modernista ou até futurista com a radicação nas potencialidades tradicionais, em suspensão ou em germe, da pátria portuguesa, seria levantado ao alto, nesta geração, por Fernando Pessoa [...]; por Raul Leal, no seu messiânico paracletismo; por Almada Negreiros [...] e finalmente por António Ferro²¹.

Esta filiação da *Política do Espírito* no espírito de *Orpheu* é contrariada pelas interpretações presencistas e pela historiografia cultural actualmente dominante que opõem o ideário cosmopolita e europeísta da revista ao nacionalismo cultural do Estado Novo tal como este era concebido por António Ferro. Por seu lado, Leal assumiu-se desde 1913 como teórico metafísico do *Vertiginismo*, contra todas as concreções possíveis.

Em *A existência literária*, de 1959, a propósito das novas tendências na literatura e na sua crítica, Quadros procura salvaguardar que da psicanálise junguiana muito se possa esperar, bem como do surrealismo, desde que

19 QUADROS, «Prefácio», op. cit., p. 16.

20 QUADROS, «Prefácio», op. cit., p. 17.

21 QUADROS, «Prefácio», op. cit., pp. 18-19.

liberto do seu freudismo de base, assim como do pensamento existencial, desde que este supere a acção de Sartre. Para o futuro autor de *Portugal Razão e Mistério* muito há a esperar dos criadores literários que *recuperam* o sentido do simbólico e do mágico, do inconsciente profundo, entre os quais elenca Kafka ou Hermann Hesse. Os únicos portugueses aqui convocados são, inesperadamente, Fernando Pessoa, Agustina Bessa-Luís e Raul Leal. Quadros sublinha na modernidade os aspectos que lhe parece continuarem, relerem, reverem ou reapresentarem a *tradição*, e não os que dela cōnsncia e consistentemente se afastam. Este livro constituiu um ponto da situação de como a literatura do seu tempo se encontrava marcada pelo pensamento existencial, tornando-se *singular* e *concreta*. Quadros procura todavia dilatar o que lhe parecem ser os limites autoimpostos do existencialismo como corrente literária, considerando que a sua recusa das *grandes abstrações* impedia o reconhecimento que o indivíduo concreto se poderia entregar a Deus ou à Pátria também como grandes projectos ideais e existenciais, entendidos como caminhos de autenticidade.

Na sequência desta tomada de posição, em *O Espírito da Cultura Portuguesa*, de 1967, pode ler-se:

Fernando Pessoa, que se estreou literariamente na *Águia*, dirigida por Leonardo e Pascoaes, com os ensaios famosos sobre “A nova poesia portuguesa”, foi como que o sintetizador de todas estas tendências e correntes de pensamento. Pode dizer-se que a sua teorização do *transcendentalismo panteísta* abarcou todas as intuições filosóficas e religiosas, menos heterodoxas do que sequiosas de liberdade espiritual, que afluíam no messianismo de Bruno e Junqueiro, no criacionismo de Leonardo e no saudosismo de Pascoaes. Mais tarde, Fernando Pessoa expressaria as suas próprias teses, convergentes com as dos seus antecessores, mas utilizando armas mais agressivas contra a mediocridade dos nossos positivistas e metafísicos. Seu companheiro, Raúl Leal iria desenvolver, ao longo destas décadas, um perturbante pensamento paracletista, onde as grandes iluminações e as ideias fogosamente expressas anunciam uma filosofia não facilmente apreensível, mas vinculada a uma visão cuja transcendentalidade está sempre presente, embora irreduzível a conceitos puramente positivos e racionalistas²².

22 A. QUADROS, *O Espírito da Cultura Portuguesa*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa 1967, p. 319.

Pessoa e Leal são apresentados como pensadores de grande abrangência sintética vinculados a uma *transcendentalidade*, não definida, e reconhecida como *difícilmente apreensível*. Quadros parece aqui implicitamente desvalorizar o *sensacionismo* ou o *objetivismo* de parte da obra poética e teórica pessoana. Por seu turno, Raul Leal apresenta um programa de fusão absoluta das grandes dicotomias filosóficas, não das dualidades adentro do idealismo, mas pretendendo fundir idealismos e realismos, positivismos e espiritualismos. Leal e Pessoa são aqui vistos como irredutíveis a conceitos exclusiva ou estreitamente racionalistas, o que faz algum sentido desde que se tenha também em conta que as obras dialogam profusa e complexamente com as correntes racionalistas, materialistas e críticas.

Em *Introdução à Filosofia da História*, de 1982, Quadros irá propor a tese de que o profetismo exerceu poderosa acção sobre a vida portuguesa, e uma das suas formas, o sebastianismo, simultaneamente nacional pela sua história concreta e universal pelo seu fundo messiânico,

veio inserir-se no mito do Quinto Império, o qual por sua vez, além da sua filiação bíblica se liga à heresia dos espirituais, ou ao culto do Espírito Santo, [...]. O que é originalíssimo não é qualquer destes mitos em separado, mas a junção de todos eles num só e grande mito nacional que, todavia, não é só nacional, pois é universalizado pelo seu carácter paraclético e apocalíptico. Esta amplitude explica que tal mito nacional haja sido retomado e até reasumido por alguns dos espíritos mais poderosamente criadores da nossa cultura como Garrett, António Nobre, Teixeira de Pascoaes, Raul Leal, Afonso Lopes Vieira, Fernando Pessoa ou Agostinho da Silva²³.

Num outro passo da mesma obra, Quadros inscreve Leal na tradição do *mais autêntico sebastianismo*, que seria uma síntese de messianismo judaico, messianismo para-cristão, na medida em que se parece cristianizar o Encoberto, e o que Quadros designa como reencarnacionismo redentorista, que parece assumir a reiteração periódica das atribuições salvíficas a avatares dotados de características comuns, numa impossível conciliação de progressão histórica e ciclicidade mítica:

23 A. QUADROS, *Introdução à Filosofia da História*, Verbo, Lisboa 1982, p. 218.

O regresso para quê? Para fundar o Quinto Império. Quer dizer, Cristo, o Messias, miticizaram-se em D. Sebastião; o reino de Deus miticiza-se no Quinto Império. E porque há mito? Precisamente porque se concebe uma história humana de novo inteiramente sujeita à história divina, um tempo profano de novo subordinado ao tempo sagrado e cíclico. A *encarnação* deixa de ser um fenómeno único, irrepetível e histórico, para ser algo que se repetirá ciclicamente e necessariamente. Não compreenderá o sebastianismo quem não o interpretar em termos de messianismo. Isto o mostrou muito claramente Sampaio Bruno. Mas a visão de Sampaio Bruno é quanto a nós ainda incompleta. É que, para o sebastianismo mais autêntico, o de António Vieira, o de Fernando Pessoa, o de Teixeira de Pascoaes, o de Raul Leal, este messianismo é simultaneamente cristão e mítico. É cristão porque em geral não negam que o Cristo tenha sido o Messias encarnado de um ciclo temporal; é para-cristão porque atribuem aos D. Sebastião do reencarnacionismo português os atributos paracléticos e redentoristas do Salvador, sejam eles *O Encoberto* regressado numa manhã de nevoeiro, o Presidente-Rei Sidónio Pais ou o próprio Pessoa, que chegou por momentos a autoconsiderar-se sebasticamente; é mítico, porque justamente o integram num tempo circular e num necessitarismo teofânico.²⁴

A primeira parte da citação procura prosseguir e desenvolver a leitura que o autor de *O Encoberto* faz do fundo profético da cultura portuguesa. Todavia, para Bruno, o Encoberto é o Humano em humanização num processo no qual o *género* é indispensável mediação e não qualquer *príncipe predestinado* ou messias político ou espiritual. Quadros procede à inscrição do nome de Raul Leal como um dos mais significativos representantes do messianismo português. Mas Leal não é apenas um original anunciador da vinda de um *messias*. Ao apresentar-se publicamente e assinar como Henoch assumiu a mais tradicional das figuras, a do *profeta*, mas fê-lo ao modo de uma *performance* individual muito própria de contornos também futuristas e iconoclastas.

No livro *A Ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, de 1989, Quadros convoca o célebre passo de Pessoa em que este

24 QUADROS, *Introdução à Filosofia da História*, op. cit., p. 226.

define o Quinto Império como a reunião das duas forças que, de há muito separadas, há muito igualmente se continuam aproximando:

o lado esquerdo da sabedoria, ou seja a ciência, o raciocínio, a especulação intelectual; e o seu lado direito – ou seja o conhecimento oculto, a especulação mística e cabalística. A aliança de D. Sebastião, imperador do mundo, e do Papa Angélico, figura esta nova aliança, esta fusão do material e do espiritual, talvez sem separação. E o próprio segundo advento, ou nova encarnação do mesmo adepto em que outrora Deus projectou ou o seu símbolo ou filho, não faz senão figurar doutro modo esta mesma aliança suprema²⁵.

Quadros acrescenta de seguida um importante comentário. Num período em que a importância da obra de Fernando Pessoa começava a ser reconhecida, Quadros coloca a hipótese de que o seu ideário messiânico e quinto-imperial seria tributário do pensamento paracletiano de Leal: «Este texto teria ecos do paracletianismo de Raul Leal seu amigo e antigo companheiro de *Orpheu*, e define bem a religião sebastianista.» Esta adição implica que Quadros talvez tenha tido acesso a um *corpus* textual ainda desconhecido e inédito. Na recente edição de textos de Leal que organizámos procurámos mostrar como Pessoa dialoga em sua obra com os textos de Leal, de forma explícita ou não. Sugerimos também a própria precedência de certos temas em Leal.

Em *O Primeiro Modernismo Português* (1989) pode ler-se que as peças de Leal incluídas em *Orpheu* e em *Centauro* não se poderiam classificar como modernistas em sentido estrito, mas como expressões da *atmosfera simbolista e transcendentalista*, que seria *outra das linhas de força do movimento*. Leal teria *só aparentemente* aderido ao futurismo, procurando antes torná-lo numa doutrinação neo-religiosa:

É já hoje igualmente conhecido²⁶ que a *Carta a Marinetti*, durante muitos anos atribuída a Fernando Pessoa por ter sido encontrada no espólio deste último, em inglês, era na realidade de Raul Leal. Pessoa ter-se-ia limitado a

25 A. QUADROS, *A Ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*, Fundação Lusíada, Lisboa 1989, p. 160.

26 Reconhecimento devido ao esclarecimento prestado por Pinharanda Gomes.

traduzi-la para inglês, e em verdade o estilo é característico de Leal. A adjetivação estranha, senão bizarra, o excesso de paixão, que se aproxima do desregramento intelectual, a idealização ucronística e utopística levaram muitos a compará-lo a Ângelo de Lima²⁷ – seria outro louco de *Orpheu*.

Esta comparação reveste-se de um duplo sentido histórico. Por um lado, Lima, Leal, Santa-Rita Pintor ou Sá-Carneiro foram qualificados como *literatura de manicómio*, estigmatizando a doença mental e desqualificando a sua obra literária por esse estigma mais do que a analisando. Por outro lado, a consciência formal modernista passa justamente pela invenção de vocábulos, subversão da sintaxe, transgressão do ritmo clássico e a prática de quebras (sob a forma de hífenes, reticências, maiúsculas e outros dispositivos que fariam escola).

Raul Leal, que ainda conhecemos bem e de quem publicámos o estudo «Cínicos e estóicos heracletianos» na revista *Acto*, de 1952, vivia em permanente estado febril e de grande excitação nervosa (ele, que fora riquíssimo, licenciado em Direito, tudo perdera até ficar na miséria, e fora objecto de escândalos públicos pela sua vida íntima e pela sua obra social, política, religiosa e culturalmente heterodoxa em relação a todo o *statu quo* vigente), relevando não tanto da alienação mental, como da sua forma excessivamente emotiva de estar na vida, sequiosa de absoluto e desafiante dos tabus de todas as cores.

Expressando o projecto de proceder a um estudo detido sobre Raul Leal e recordando ter sido seu convivente, destinatário epistolar e editor, Quadros poderia ter aqui dedicado algumas linhas ao aludido texto sobre Heraclito, cinismo e estoicismo. Mas o entusiasmado interesse de Quadros pelo messianismo e profetismo, no quadro da história cultural portuguesa, matizaria a centralidade de que esses temas na Obra de Leal

27 A comparação de Lima com Leal foi historicamente tão forte que encontrámos no espólio de Fernando Pessoa um inédito em prosa atribuído a Raul Leal redigido em papel timbrado do Hospital Bombarda. Uma análise mais atenta do documento permitiu restituir a sua autoria a Ângelo de Lima. Da relação entre estes autores e desta descoberta damos conta no estudo introdutório que colocámos no nosso volume *Â. DE LIMA, Obra reunida*, ed. D.D. Braga – R. Lopo, BNP, Lisboa 2023.

se revestem. O alegado lusocentrismo do pensamento lealino sofreria um forte abalo se fosse detidamente apresentada a sua peculiar leitura daquelas escolas filosóficas de raiz helénica, sobretudo pelo seu forte viso ontológico:

Os seres não se consomem perdidamente no Fogo Aniquilante e Criador mas vivem-se em si próprios como sua própria Força essencial dominadora e quando se infinitizam não se dissolvem no Todo Universal à maneira nirvânica ou budista mas, pelo contrário, integram-se em si próprios, tornando-se pessoalmente o Infinito, tornando-se só assim verdadeiramente supremas existências²⁸.

Quadros procura resumir o lugar de Leal no quadro da primeira geração modernista dando conta da incompreensão por si sofrida pela sua biografia excêntrica, marcada por uma *ânsia de absoluto*, descrita mais como um emotivismo subjectivo do que suficientemente teorizada. Por um lado, as inovações formais do seu estilo teriam impedido a sua fácil inteligibilidade ou aceitação por leitores formados por uma escrita clássica ou romântica. Por outro lado, Quadros não parece atender que a crítica só começa a reconhecer a importância desses dispositivos formais a partir da consideração do contributo surrealista e da *Poesia Experimental*.

A sua bibliografia, relativamente vasta, estudada por João Gaspar Simões, por Artur Anselmo, por Banha de Andrade, por Santana Dionísio, por Álvaro Ribeiro e principalmente por Pinharanda Gomes²⁹, dadas as suas intuições fulgurantes, embora expostas através de um estilo difícil e desregrado mereceria sem dúvida um capítulo à parte, mas cremos que não num livro como este, dedicado ao modernismo propriamente dito.

É que, do futurismo à Marinetti, ou da vanguarda à Sa-Carneiro ou à Fernando Pessoa, Raul Leal retém apenas dois aspectos: o caos da vida moderna, uma vida sem valores transcendentais, que faz corresponder à época do Anticristo, precursora de um futuro luminoso, é como que o

28 R. LEAL, «Cínicos e estóicos heracléticos», *Acto*, 2 (1952) 42-44, pp. 43-44.

29 Os textos aqui referidos, da autoria destes autores correspondem a artigos de imprensa coligidos por Pinharanda Gomes na sua edição de R. DE O.S. LEAL (HENOCK), *O Sentido Esotérico da História*, Livraria Portugal, Lisboa 1970.

nigredo anterior ao *albedo*; e a ideia de um futuro *outro*, mas um futuro que é o da Idade do Espírito Santo, do Divino Paráclito, a Idade Paracletiana, sobre a qual tem ideias extremamente pessoais se não insólitas.

Quanto ao primeiro aspecto, o alquímico, valerá a pena citar parte de uma carta que o poeta nos escreveu, com data de 25 de Abril de 1955, a propósito da defesa de uma filosofia portuguesa, que aplaudia entusiasticamente:

Quadros, valorizando o carteio de Marinetti com Leal, cita neste ponto o excerto da sua carta que apresentámos acima na íntegra, em que Leal se compara a Crowley, referindo-se à tese lealina sobre «o cariz metapsíquico dos heterónimos pessoanos».

Quanto ao segundo aspecto não há dúvida de que Raul Leal é o primeiro pensador português do nosso século a retomar teoricamente a tradição portuguesa do Império do Espírito Santo baseado na teoria das 3 idades ou dos 3 reinos do Joaquim de Flora, o *do Pai, do Filho e do Espírito Santo ou do Paráclito* como Espírito da Verdade, da Liberdade e do Amor, tradição fundada entre nós por Dom Dinis, por Santa Isabel e pelos franciscanos espirituais de Alenquer, relacionando-a com o mito do Quinto Império e dando-lhe aliás uma interpretação extremamente heterodoxa.

A par de Jaime Cortesão, aqui não convocado, Leal é visto como um pioneiro retomador da tradição joaquimita, que articularia com a expectativa quinto-imperial. Nesse sentido, para Quadros, Leal não se apresenta como um modernista com laivos tradicionais, mas como um tradicionalista em si mesmo, ainda que *heterodoxo*, que se teria apenas servido da dinâmica modernista:

Raul Leal não é pois um vanguardista que reencontra a tradição, é um tradicionalista heterodoxo que procura canalizar as energias do vanguardismo e do futurismo seus contemporâneos para a realização de um fim ou de um *telos* que entraria por assim dizer nos genes da recôndita e bloqueada personalidade portuguesa. Como acentuou Pinharanda Gomes, preconizava “uma nova divisão da história em idades pagã, cristã, neo-pagã e paracletiana, vendo-se ele próprio como uma reencarnação de Henoch, antepassado de Noé, encarnação quarta de Hermes, destinado a criar a

igreja futuro-paracletiana de amanhã”. No artigo «O sentido esotérico da História», incluído por Pinharanda Gomes na recolha póstuma com este mesmo título, escrevia Raul Leal: «Ao Maravilhoso Cristão sucederá, de facto, o Maravilhoso Paracletiano expresso na divina e vertiginificante Astralêdia, de que eu apresentei um esboço numa carta memorável que escrevi em 1921 ao meu amigo Marinetti, fundador do futurismo, com quem me corresponди amplamente, assim como em 1924 num manifesto sobre Mario Eloy, e mais tarde num famoso artigo da *Presença*, (posteriormente integrado na minha obra *A Idade Paracletiana*)».

Publicado no *Diário da Manhã* em 1962, deste texto foi cortado pela sua direcção ou redacção um dos mais interessantes fragmentos, que o próprio autor reconstituiu, escrevendo-o à mão nas margens do jornal que por correio nos enviou. Facultámos a Pinharanda Gomes o referido fragmento, reproduzindo o autor da *História da Filosofia Portuguesa* em nota de rodapé o respectivo capítulo na citada recolha³⁰.

A recolha que Pinharanda Gomes efectuou em 1970 de artigos dispersos de e sobre Leal, *O Sentido Esotérico da História*, transcreve em nota este referido recorte de jornal, onde se pode ler o apontamento manuscrito de Quadros: «Do punho de Raul Leal, que emendou o artigo e me enviou o ex. corrigido. A. Quadros». Pinharanda ter editado um documento que foi enviado a Quadros manifesta a intensa colaboração entre ambos, no âmbito do grupo da *Filosofia Portuguesa*. Pinharanda e Quadros lançaram em 1967-1968 o projecto da *Teoria da história em Portugal*, que tem como primeiro volume *O Conceito de História*, e em cujo segundo volume, *A dinâmica da história*, que se apresenta como uma antologia, consta novamente um breve extracto desse artigo a partir do recorte que havia sido enviado a Quadros e que Pinharanda pôde consultar e depois coligir naquela colecta, acompanhado do referido acréscimo manuscrito. Na organização interna desta investigação dos dois autores, este texto é apresentado como promanando de um *maravilhoso paracletianismo*, articulado com o mito bíblico do *quinto império*. A sua descrição

30 1955.04.25, carta manuscrita para António Quadros, acompanhada de artigo «O sentido Esotérico da História» do jornal *Encontro* de 28-05-1962. Este artigo contém anotações manuscritas de Raul Leal. PT/FAQ/AFC/01/1833/00003.

do suposto *carácter esotérico da razão providencial* estatuiria Leal como um *intérprete mítico-profético*, segundo a categorização de Quadros e Pinharanda. Leal é incluído na secção desta antologia que versa a *dinâmica da história* num quadro de interpretações escatológicas, psicológicas e sócio-religiosas, de tipos materialista, idealista ou positivista³¹. A peculiar topografia da cultura portuguesa que Quadros estabelece implica uma genealogia destes *tradicionalismos heterodoxos*, messianismos alternativos, profetismos mais ou menos heréticos, poesia inspirada, filosofias da história de base teleológica, a par das antropologias do simbólico e das psicologias do inconsciente.

[...] dizia Raul Leal nessa passagem expurgada:

«*Queiram ou não queiram, será esse o Sentido Esotérico, oculto da próxima História Redentora, guiada providencialmente por Deus*, essencializada em nós, Portugueses, que assim realizaremos o Sonho Sebastianista, o sonho Paracletiano do Quinto Império Bíblico ou Terceiro Reino Divino».

A carta de Raul Leal a Marinetti confirma plenamente a nossa ideia de que era bem diferente o futurismo de Raul Leal, um futurismo afinal supra, ante e pós-modernista. Releiamos alguns períodos bem significativos da referida carta³².

Raul Leal acentua: «a Igreja Paracletiana, cuja fundação Deus me ordenou que anuncie, é uma Igreja essencialmente Futurista». Mas é este o futurismo de Marinetti, é este o futurismo dos seus émulos portugueses entre 1915 e 1921 (sobretudo Almada, Santa Rita, Sousa-Cardoso ou Ferro)? Não, decerto. Raul Leal prevê a recusa de Marinetti ao seu conceito de que o verdadeiro futurismo deve procurar não «a razão física, externa, superficial e empírica das impressões mas a sua razão metafísica, íntima, profunda, abísmica». Escreve, efectivamente: «Posso prever a sua objecção. Mas é o

31 A. QUADROS – J. PINHARANDA GOMES (eds.), *A Teoria da História em Portugal. O conceito de História* (vol. 1) e *A Dinâmica da História* (vol. 2), Ed. Espiral, Lisboa s.d. [1967-1968].

32 Quadros serve-se da carta a Marinetti que surge como atribuída a Pessoa na primeira edição de *Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literárias* da Ática, de 1966, organizada por Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho, mas nas edições diferentes essa atribuição é corrigida em resposta ao reparo crítico de Pinharanda Gomes. Recorde-se que excertos da correspondência com Marinetti constavam já do artigo de Leal *O Saudosismo e as Tendências Orfaicas* cuja publicação não pôde ser aceite pela revista *Atlântico*.

próprio pensamento que nós absolutamente condenamos. Não sou dessa opinião; desejo apenas que o pensamento se possa transcender a si próprio e atingir o estado supremo da Vertigem! Vós estais neste lado do pensamento (no estado próximo do pensamento); eu prefiro o seu puro outro lado...»

Se Raul Leal queria, como vimos, incluir o futurismo de Marinetti numa concepção muito mais ampla, profunda e escatológica, António Ferro, que, esse sim, fora um futurista próximo do poeta e doutrinário italiano, haveria por seu turno de procurar, embora num plano muito diferente, uma revalorização da Tradição, tão atacada por ele próprio nos anos de juventude em que escrevera o manifesto *Nós e A Idade de Jazz-Band*.

Nos aspectos culturais, estéticos e artísticos, a Política do Espírito pode e deve ser estudada e analisada independentemente da sua posição política, muito ligada ao Estado Novo e à figura de Oliveira Salazar, já que quanto a nós é, antes, uma intervenção pessoal, a acção criativa de um escritor originariamente futurista e oriundo do grupo do *Orpheu* e da amizade com Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa³³.

Este passo reitera a ideia já exposta desde os anos 50 segundo a qual a *Política do Espírito* de Ferro seria uma expressão da sua experiência com *Orpheu* e os futuristas, ainda que o futurismo se apresente para Leal como *supra*, *ante* e *pós-modernista* na medida em que o procurou integrar numa visão salvífica e escatológica da história.

Em *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, de 1992, por sua vez, pode ler-se:

Aqueles que se tornaram familiares do que foi a paixão contemplativa e criadora de Pessoa, sobretudo nos últimos dez anos da sua vida, sabem que a experiência do transcendente não foi para o poeta um artifício, mas um confronto corpo a corpo com o seu anjo ou o seu génio. Para lá dos períodos do modernismo e da criação heteronímica, longos dias, longas noites e longos anos dedicou o poeta aos modos de hermetismo que poderiam dar-lhe um conhecimento do supra-científico, companheiros

33 QUADROS – PINHARANDA GOMES (eds.), *A Teoria da História...*, op. cit., vol. 2, pp. 48-52.

mais próximos, um Raul Leal, um Augusto Ferreira Gomes ou um Eliezer Kamenezki foram nesse tempo os seus interlocutores empáticos.

Conhecemos os três [...] de Raul Leal conservamos cartas contando-nos como Pessoa era afim do seu futurismo paracletianista, tendo traduzido a sua carta a Marinetti a este respeito³⁴.

As afinidades intelectuais que se registam neste trecho quanto ao interesse pela tradição hermética e pelas correntes heterodoxas do judaísmo manifestam-se nos prefácios que Pessoa redigiu para Augusto Ferreira Gomes, autor também de uma poesia profética e para Kamenzky. Não é o momento de apurar de que forma Pessoa relacionaria o hermetismo com o profetismo. Leal e Pessoa apreciam tais correntes, sem terem em conta as suas dimensões heterodoxas, porque o seu lugar de avaliação não é a ortodoxia. Quadros parece apontar a busca de uma prática hermética (antes já dita simbólica e não operativa) nestes autores como chave da sua leitura e compreensão. A relativização heteronímica resolver-se-ia nessa demanda que a superaria. A busca do *supra-científico* por parte de Pessoa, levaria a uma experiência da *Liberdade Transcendente* afinal, partilhada com Leal, que a teorizava já desde 1913.

V

A diversidade de ligações que Leal manteve ao longo da sua vida tem-nos levado a reconhecer que o seu pensamento parece ser irredutível aos movimentos com que foi dialogando, mesmo nos casos em que até declara a eles aderir, encomiasticamente os elogiando, mas manifestando matizes e contradições que impedem a sua identificação plena com qualquer corrente ideológica ou filosófica em estrito senso determinada. Leal mostra-se futurista mas propõe que o futurismo se assuma como atitude neo-religiosa; vê em *Orpheu*, mais que um projecto de renovação artística, a expressão de uma unidade metafísica; apresenta-se como monárquico mas combate o integralismo lusitano e o monarquismo organizado; saúda

34 A. QUADROS, *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Átrio, Lisboa 1992, pp. 108-109.

José Régio e a *presença* mas provoca uma crise no grupo por lá publicar o iconoclasta ensaio “A Virgem-Besta”; definia-se como religioso, mas distanciava-se da tradição dominante no seu país: não só não era católico como queria *ultrapassar* o catolicismo; propôs a fusão de todas as artes, que superaria o projecto da sua síntese; frequentou simultaneamente os surrealistas, conotados com uma visão política revolucionária e o grupo do *Tempo Presente*, associado a uma perspectiva reacionária; enviou cartas a Salazar exigindo, sem sucesso, que o Estado editasse os seus livros, mas publicava na *Contraponto* de Luiz Pacheco e na *Pirâmide* dos abjeccionistas. Apoiou *entusiasticamente* a ideia de *uma filosofia portuguesa*, mas apenas se esta se afirmasse universal e em si lograsse abarcar todas as filosofias do mundo, *as mais contraditórias*. Esta sua irredutibilidade a grupos e movimentos deve ser relacionada com uma sua outra característica que tem sido insuficientemente notada: o estado actual do estudo da obra inédita de Leal permite-nos concluir que Leal procurou integrar cartas que redigia ou textos de circunstância, de crítica cultural ou intervenção pública, em projectos maiores que os contextualizam, enquadram e dão novo sentido. Leal visava uma *obra total* que integraria e assumiria todos os géneros literários possíveis. As suas obras mais ambiciosas, ainda inéditas, como *A loucura metafísica do incompreendido e a Religião Paracletiana*³⁵ são marcadas por quebras deliberadas no registo tético que interrompem o registo *filosófico* argumentativo pela inserção de apontamentos memoriais, narrativos e até anedóticos, como que infringindo a possibilidade de prossecução coerente e inequívoca de qualquer dos géneros literários individualmente considerados, questionando não só a sua virtualidade operativa como a sua aptidão *lógica* de dizibilidade da verdade possível, considerada imarcescível e vertiginosa.

35 Na actual Catalogação do Arquivo de Fernando Távora: FIMS 13.1. Apresentamos um excerto desta Obra memorial na revista em linha *Pessoa Plural*, de 2025.

ANEXO

RAUL LEAL³⁶

O nome de Raul Leal, injustamente envolvido numa atmosfera de desdém ou de esquecimento, começa agora a impor-se à admiração dos pensadores conscientes. Um livro, há alguns meses publicado, contém justo desagravo a este escritor que mereceu a atenta estima e a dócil amizade de Fernando Pessoa³⁷. Como outras personalidades da primeira metade deste século, também Raul Leal foi incompreendido pelos seus contemporâneos por, recusando-se nobremente seguir as normas caducas da opinião efêmera, obedecer ao destino do génio próprio.

No porvir, figurará este escritor entre a admirável plêiade de espíritos brilhantes que deram à primeira metade deste século uma superioridade incontestável sobre os literatos da segunda metade do século XIX. A incompreensão que por desventura ainda se manifesta perante o autor de *Liberdade Transcendente*, encobre, ou descobre, a fácil e ignara subordinação ao doutrinário sem originalidade dos oradores das Conferências do Casino. Decerto, esta mentalidade positivista, realista e socialista domina ainda o ambiente das expressões mais vulgares da nossa cultura. Em breve, porém, e já temos anúncios disso, se reconhecerá em Raúl Leal um dos mais originais e profundos filósofos portugueses, embora a descoordenação formal da sua obra se não coadune com as várias escolásticas preponderantes no nosso ensino superior. Numa opinião que admira como filósofos os professores Consiglieri Pedroso e Silva Cordeiro é natural que se não atribua ao talento de Raul Leal o valor metafísico que no seu pensamento intrínseco dificilmente se manifesta.

36 A seguinte *Nota* sobre Raul Leal, antecedendo o seu artigo, encontra-se publicada no primeiro fascículo da revista *Acto* de 1951, nº 1, p. 23. Não assinada, devemos atribuí-la aos responsáveis da revista, António Quadros e Orlando Vitorino, não sendo este o momento de averiguar minuciosamente da parceria dos dois na escrita deste texto.

37 A concisão da referência não permite esclarecer de que livro se trata. A título de hipótese recordemos que a primeira edição da *Vida e Obra de Fernando Pessoa. História de uma geração*, de João Gaspar Simões, saíra em 1950. Em resposta, Eduardo Freitas da Costa publica *Fernando Pessoa. Notas a uma biografia romanceada*, em 1951. Aí (p. 113), em réplica à ideia do isolamento social do Poeta, elenca-se Leal a par de Ferreira Gomes, Mário Saa e outros como suas dedicadas, leais e firmes amizades.

Tudo indica que, a exemplo do que já aconteceu para com outros filósofos portugueses igualmente inditosos, a obra de Raúl Leal venha a ser objecto de um estudo ordenado e sistematizador, Importa, porém, não confundir o trabalho que consiste na hermenêutica de um pensamento caracterizado pelo esoterismo da profecia com a exposição didáctica que dispense o leitor do obrigatório esforço de raciocinar por conta própria. Regra geral, quem diz que de um filósofo o pensamento é obscuro ou nebuloso, apenas confessa a incapacidade própria de discernir o que está acima da mentalidade vulgar.

Bastará uma mediana inteligência para compreender os tópicos fundamentais do artigo que *ACTO* noutro lugar publica. Faremos, porém, a alguns detractores da personalidade de Raúl Leal, a injúria de lhes explicar a súmula deste notável trabalho que constitui, até prova em contrário, a melhor interpretação portuguesa de um sentido essencial do pensamento helénico.

A parte agora publicada desse artigo (que no próximo número concluirá) é constituída por algumas lúcidas e penetrantes definições introdutórias.

Afastando, de início, algumas noções correntes de cinismo, Raúl Leal relaciona-o, originariamente, com a filosofia de Sócrates e Platão, no sentido em que alarga o desdém dessa filosofia pelo mundo sensível ao desprezo pelas formas imaginativas e concretas de todo o pensamento. Corresponderá este processo, segundo os cínicos, a uma superação da filosofia socrática na medida em que aspira, para além do mundo imaginal de Sócrates, ao puro Espírito absoluto e abstracto; mas por ser assim absoluto e abstracto, não se vá confundir o cinismo com um regresso ao espiritualismo eleático que consiste numa metafísica de carácter objectivista e ontológico, ao passo que o espiritualismo dos cínicos é ético e humanista e, com isso, fundado na original filosofia socrática e platónica.

Este é, pois, o ponto introdutoriamente essencial do discurso de Raúl Leal: saber o que de original representou, na história da filosofia, o pensamento de Sócrates. Eis o seu característico: a fundação da ética, ou seja a consciência plena do mundo de pensar. Já antes, nomeadamente nos eleatas, tal mundo era objecto de uma metafísica, mas esta só o considerava através da física, na sua face exterior, alheia ao pensar. Ora, pouco ou nada vale o que assim é considerado. O pensar o objecto não é alheio à existência do próprio objecto, mas este mesmo pensar o ergue, do mundo de determinação onde está, para o mundo livre do espírito onde o pensamento reside.

Com esta lúcida definição, Raúl Leal mostra que a filosofia de Sócrates e de Platão é a inicial formação de idealismo que só na obra de Hegel adquire a

mais perfeita expressão, e só no romantismo obtém a adesão da generalidade das almas.

No estilo universitário, qualquer escritor medíocre mas paciente poderia abonar esta tese de inúmeras citações literárias. Mas ao estilo ascendente de Raul Leal importa mais transitar para uma definição mais subtil: a que permite distinguir a filosofia socrática e a platónica.

Enquanto, fundando a ética, Sócrates identifica o progresso do pensamento com o pensamento moral e faz pois coincidir o Ser Moral com o Ser Pensante, a obra de Platão pode ser vista como um regresso à metafísica com a condição de a considerarmos, não como uma metafísica do inferior, mas como uma metafísica do superior: a ideação platónica substituiu a física eleática no pensamento abstracto ou – como Raul Leal diz com mais profundo sentido – abstraccionante das correspondentes filosofias.

Já agora, o leitor está apto a distinguir lucidamente o que caracteriza, como original, a filosofia de Sócrates e Platão, o que a separa da filosofia eleática na medida em que isso importa para apreender as consequências da mais tradicional teologia que Raúl Leal vai deduzir na continuação deste ensaio, através de um penetrante estudo do pensamento dos cínicos e do correlato pensamento dos estóicos, ambos referidos à filosofia heraclitiana.

